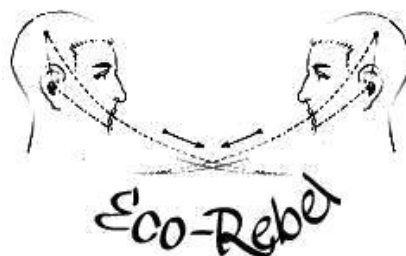


Ecolinguística: Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem, v. 06, n. 03, p. 152-165, 2020.



POR PRETEXTO FORA DE CONTEXTO: A DINÂMICA DAS *FAKE NEWS* VEICULADAS SOBRE A COVID-19 EM UMA ABORDAGEM LINGUÍSTICO-ECOSSISTÊMICA

Samuel de Sousa Silva (UEMS/NELIM)

Resumo: O nosso objetivo neste artigo é descrever a dinâmica das *fake news*: que elementos estruturantes discursivos são constitutivos desse tipo de discurso e quais práticas sociais ideológicas são representadas. Partiremos da heurística da Ecolinguística em que procuraremos delimitar o ecossistema integral da língua (COUTO, 2018) no qual esse discurso é produzido, e faremos o que Albuquerque (2015) entende a partir de Nash como sendo um "minimalismo empírico", a partir do qual se estuda um objeto por meio de suas inter-relações no interior do ecossistema delimitado. Vislumbramos na análise que no território virtual das redes sociais um determinado grupo de afinidades ideológicas se reconhece e empenha-se em divulgar e replicar a mensagem transmitida por um autor representativo do grupo. Sendo assim, território e povo são categorias indissociáveis. Em relação a língua na qual se articula os discursos, vimos um movimento de retorno a um discurso anterior fundante dessa ideologia, em que o leitor é levado a acreditar que tem uma resposta para uma questão emergente, quando na verdade ocorreu uma dissociação entre o contexto da pergunta e o contexto da resposta.

Palavras-chave: Coronavírus; Ecolinguística; Fake News; Contextualização e descontextualização.

Abstract: The objective of this article is to describe the dynamics of fake news: which discursive structuring elements are constitutive of this type of discourse and which ideological social practices are represented. We will start from the Ecolinguistics heuristics and try to delimit the

integral ecosystem of the language (COUTO, 2018) in which this discourse is produced. We will do what Albuquerque (2015) understands from Nash as being an "empirical minimalism", from which an object is studied through its interrelationships within the bounded ecosystem. We see in the analysis that in the virtual territory of social networks a certain group of ideological affinities is recognized and endeavors to disseminate and replicate the message transmitted by a representative author of the group. Territory and people are inseparable categories. In relation to the language in which the speeches are articulated, we saw a movement back to a previous discourse founding this ideology, by which the reader is led to believe that he has an answer to an emerging question, when in fact there has been a dissociation between the context of the question and the context of the answer.

Key-words: Coronavirus; Ecolinguistics; Fake News; Contextualization; decontextualization.

Introdução

Na atual conjuntura global da pandemia da Covid-19, um tipo específico de saber se coloca em proeminência sobre os demais; o saber médico, ou a medicina como um ramo específico das ciências. O interessante disso é que historicamente a constituição da medicina como saber científico está fortemente atrelada a essa ameaça das pandemias. Segundo Foucault (2015), a medicina se consolida como um saber científico a partir do momento em que se atrela à química, emprestando desta seus métodos científicos e conseqüentemente seu status de disciplina científica. Isso ocorreu na França, em meados do século XVIII, com Fourcroy e Lavoisier que vão se voltar para um estudo mais sistematizado do organismo humano partindo dos reflexos nesse organismo causados pela qualidade ou falta dessa no ar urbano da grande Paris de então. Segundo o mesmo autor, a inserção da medicina no saber científico se dá por essa necessidade de conhecer os reflexos da qualidade do ar e da água na cidade, o que por sua vez vai exigir dessa nova medicina um saber químico dos elementos presentes nesse ar e nessa água. Assim, pode-se dizer que a medicina científica nasce de uma visão mais sistêmica, em que pensa a saúde em uma relação sistêmica com o meio em que a população vive, já pensando no ar e na água como elementos importantes e constitutivos de seu meio ambiente urbano.

O interessante é o que a Análise do Discurso chama condições de produção, ou seja, quais fatores da conjuntura sócio-histórica-cultural foram determinantes para a produção de um dado discurso? Nesse caso, a nossa pergunta é: quais são os fatores que foram determinantes na produção dessa nova medicina de caráter mais científico atrelada a química e de uma visão mais

ECO-REBEL

sistêmica? Segundo Foucault essa medicina é pautada por uma percepção urbana da saúde, que deixa de ser uma saúde do indivíduo e passa a ser predominantemente a saúde de toda uma coletividade. Foucault (2015) salienta que um fator determinante para a produção desse discurso foram as epidemias que se alastram nas cidades em decorrência desse amontoamento de pessoas em um mesmo espaço nas cidades. O autor cita, por exemplo, o caso inglês, em que é instituído um sistema coletivo de controle de saúde na Inglaterra no século XIX, praticamente um século depois do sistema francês, por causa principalmente da cólera de 1832 que começou em Paris e se propagou por toda Europa.

A constituição e o surgimento da medicina moderna como um ramo de saber científico se apresenta com as seguintes características; 1) uma motivação pragmática para o desenvolvimento dessa ciência: as epidemias nos grandes centros urbanos; 2) a exigência de um saber menos fragmentado: a interdisciplinaridade entre medicina e química; 3) e em consequência direta do segundo ponto: uma abordagem mais sistêmica do problema a ser resolvido ao encarar a cidade como um meio mais complexo, recortado por diversos fatores determinantes da saúde coletiva que não necessariamente estavam diretamente relacionados a área da medicina, tais como a qualidade do ar e da água.

O que veremos nesse artigo será uma espécie de retorno a essas condições de produção constitutivas da medicina moderna, que instauram a medicina novamente como ciência proeminente diante dos demais ramos da ciência, o que, no entanto, redundará em um discurso de resistência do regime de verdade dominante cujo saber mais determinante e justificador de suas ações não é o saber da medicina, mas sim o saber econômico. Diante disso, o nosso objeto de análise nesse artigo será esse discurso de resistência e negação ao saber da medicina atrelado ao discurso dominante de nossa época, o discurso capitalista liberal, cuja manifestação mais explícita se dá por meio dos discursos já denominados como *fake news*. E no caso específico dessa análise, focaremos em *fake news* cuja temática trate diretamente sobre a pandemia da Covid-19, ou coronavírus, nos primeiros meses do ano de 2020.

O nosso objetivo nessa análise será descrever a dinâmica das *fake news*; que elementos estruturantes discursivos são constitutivos desse tipo de discurso e quais práticas sociais ideológicas são representadas nesse tipo de discurso. Nesse sentido, partiremos da heurística da Ecolinguística em que procuraremos delimitar o ecossistema integral da língua (COUTO, 2018) no qual esse discurso é produzido, conforme proposta de Silva (2015) de que um discurso é

produzido a partir de uma rede de relações cuja delimitação por parte do pesquisador é essencial para a compreensão de tal discurso na sua existência real. Cada discurso é produzido por pessoas e para pessoas, cujos discursos são por sua vez influenciados por outras pessoas, instituições, saberes e relações de poder que se entrelaçam em circunstâncias específicas, sempre no interior desse ecossistema integral da língua. Por causa das especificidades de cada discurso é de suma importância analisá-los a partir de sua inserção nesse ecossistema integral da língua próprio da sua constituição, pois como argumenta Albuquerque (2015, p. 138) seguindo Nash; “cada ecologia é única”, e, portanto, é necessário delimitar o ecossistema único de produção de cada discurso a ser analisado.

Nesse sentido, a proposta metodológica partirá dessa delimitação do ecossistema integral da língua único da produção desse discurso (SILVA, 2015), as *fake news* sobre a pandemia da Covid-19 nos primeiros meses de 2020 no Brasil. Como segundo passo, faremos o que Albuquerque (2015) entende, de novo seguindo Nash, como sendo um “minimalismo empírico”, a partir do qual se estuda um objeto por meio de suas inter-relações no interior do ecossistema delimitado.

As *fake news* (notícias falsas) sobre a pandemia da covid-19 no Brasil pós-Bolsonaro.

No momento em que todas as atenções têm se voltado para a questão da pandemia da covid-19, tanto os líderes globais quanto as grandes empresas de produção de notícias e informação produzem diariamente vários discursos tratando do assunto. Esses discursos geralmente articulam três campos do saber: o jornalístico, a partir do qual se vende tal discurso como uma interpretação pelo menos coerente dos fatos; o médico, a partir do qual se constrói um paradigma como critério de julgamento para as ações corretas ou incorretas diante da pandemia seja por parte dos líderes mundiais ou dos cidadãos de cada país; e o econômico, pelo simples fato de que em uma sociedade capitalista o econômico é por demais fundamental para ser deixado de fora de qualquer discussão.

Nesse contexto, por mais problemático que seja, uma vez que ao escrever esse artigo mais de 50 mil pessoas já tenham morrido no Brasil em decorrência da pandemia, as *fake news* têm se proliferado no meio virtual tanto ou mais do que o coronavírus no mundo real. Segundo uma pesquisa feita pelo site AvaaZ no mês de março de 2020, 6 em cada 10 internautas brasileiros receberam pelo menos uma notícia falsa pelo aplicativo WhatsApp, e 5 em cada 10 internautas receberam pelo menos uma notícia falsa pelo Facebook. Ainda segundo essa pesquisa, cerca de

ECO-REBEL

110 milhões de brasileiros acreditam em pelo menos uma notícia falsa relacionada à pandemia da covid-19. Essa pesquisa também foi feita em outros países e a partir dos dados cruzados entre esses países. Pelo menos 73% dos brasileiros acreditaram em alguma *fake news*, enquanto que nos EUA essa porcentagem é de 65% e na Itália é de 59% (<https://www.uol.com.br/tilt/noticias/redacao/2020/05/04/estudo-110-milhoes-de-brasileiros-acreditam-em-noticias-falsas-sobre-covid.htm>; acessado em 25/05/2020).

Segundo uma pesquisa do instituto de internet da universidade de Oxford, esse fenômeno das notícias falsas em uma amplitude praticamente global e capazes até de decidir eleições presidenciais tem o seu *big bang* rastreável nas eleições americanas de 2016, devido a sua comprovação de eficácia na reviravolta que elegeu Donald Trump. A ironia disso é que assim como outros produtos tipicamente americanos, tais como o cinema e o capitalismo, as *fake news* não são uma invenção americana, pois, como demonstraram investigações posteriores, as notícias falsas foram criadas pela Rússia que preferia ter sobre o comando dos EUA o candidato republicano e não a candidata democrata (<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2018/11/uso-de-fake-news-nos-eua-em-2018-ja-ultrapassa-eleicao-de-trump-diz-oxford.shtml>, acessado em 25/05/2020).

Segundo essa mesma pesquisa, esse fenômeno teve um crescimento exponencial desde então. Em 2019 em Hong Kong enquanto milhares de pessoas protestaram contra uma lei polêmica que facilitaria a extradição para a China continental e por mais democracia, o governo chinês tentou mudar a imagem dos protestos frente à opinião pública por meio das redes sociais. Pequim espalhou desinformação, retratando o movimento como um bando de criminosos que ameaçam a soberania da nação. Só que a China foi a última a chegar à lista; apenas em 2019, foram 70 países que fizeram uso inapropriado de campanhas políticas de desinformação para desacreditar a oposição. Em 2017, eram apenas 28, o que indica um crescimento de 150% em apenas dois anos, e o fenômeno se espalha ao redor do mundo inteiro (<https://veja.abril.com.br/mundo/estudo-aponta-que-as-fake-news-politicas-cresceram-150-em-dois-anos/>, acessado em 25/05/2020).

No Brasil esse fenômeno é considerado um dos grandes fatores responsáveis pela eleição do candidato Jair Bolsonaro a presidente do Brasil nas eleições de 2018. Segundo reportagem do jornal *El país*, “Vimos a desinformação contra os adversários de Bolsonaro aumentar, em geral em torno de duas temáticas: colocar em dúvida, com teorias conspiratórias, a segurança do voto eletrônico no Brasil, e uma constante relação dos outros candidatos com pautas das minorias, como

ECO-REBEL

a agenda LGBT e o direito ao aborto” (Taí Nalon, em entrevista ao *El país*). Segundo essa mesma reportagem, as notícias falsas mais determinantes na campanha de Jair Bolsonaro, e veiculadas nas eleições por meio de robôs no aplicativo WhatsApp e na rede social Facebook, foram: 1) O *kit gay* para crianças de 6 anos que foi distribuído nas escolas; 2) O homem que apunhalou Bolsonaro é filiado ao PT e aparece numa foto com Lula; 3) A senhora agredida por ser eleitora de Bolsonaro (que na verdade eram imagens da atriz Beatriz Segall); 4) Haddad defende o incesto e o comunismo em um de seus livros, repostada por Olavo de Carvalho; 5) Se Haddad chegar ao poder, pretende legalizar a pedofilia. Na reportagem as citadas *fake news* são reconstruídas dentro de seu contexto e com as imagens das postagens que foram repassadas pelo WhatsApp e o Facebook (https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/18/actualidad/1539847547_146583.html, acessado em 25/05/2020). É claro, no entanto, que pelo alto grau de inverossimilhança das notícias veiculadas, são necessárias para a crença nelas que haja também um alto grau de várias ignorâncias em relação aos temas tratados, principalmente do que é necessário para se fazer uma lei, sua aprovação e aplicação no Brasil, como por exemplo: a aprovação de tais propostas de lei pelo congresso cujo conteúdo das notícias falsas citadas acima praticamente já fazem de tais propostas de lei inaprováveis devido aos vários interesses e a quais colégios eleitorais cada deputado e senador está associado.

No atual momento, a circulação de notícias falsas se volta ao contexto no qual estamos inseridos e o material do qual as *fake news* têm se nutrido são as notícias sobre a pandemia da covid-19. Segundo o estudo feito por Julie Posetti, diretora global de pesquisa do ICFJ e pesquisadora sênior do Centro de Liberdade de Mídia da universidade de Sheffield (CFOM) e Universidade de Oxford, em meio à pandemia de Covid-19 a desinformação e a proliferação de notícias falsas pode ser comparada a um ciclo epidêmico que a ONU denominou de *desinfodemia*. O termo foi cunhado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), e é definido como "desinformação básica sobre a doença de Covid-19" (https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/mundo/2020/05/05/interna_mundo,851477/pandemia-de-fake-news-estudo-lista-principais-boatos-sobre-covid-19.shtm, acessado em 26/05/2020).

Segundo essa pesquisa das Nações Unidas (ONU) em parceria com o International Center for Journalists (ICFJ), o tema recorrente da desinfodemia se refere à origem e à disseminação da Covid-19. Enquanto cientistas identificaram o primeiro caso da Covid-19 ligado a um mercado de

ECO-REBEL

animais na cidade de Wuhan, na China, teorias da conspiração acusam outros atores tais como as redes 5G e até responsabilizam os fabricantes de armas químicas. Outras notícias falsas recorrentes referem-se aos sintomas, diagnóstico e tratamento do vírus, estatísticas falsas, os impactos na sociedade e no meio ambiente, e sobre a repercussão econômica causada pela pandemia. “Esse último tema inclui a divulgação de informações falsas sobre os impactos da pandemia na economia e saúde, sugestões de que o isolamento social não é economicamente justificado e a afirmação de que a Covid-19 está criando empregos”, detalha o estudo (https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/mundo/2020/05/05/interna_mundo,851477/pandemia-de-fake-news-estudo-lista-principais-boatos-sobre-covid-19.shtml, acessado em 26/05/2020).

No Brasil, o Ministério da Saúde criou um *site* especializado no combate às notícias falsas sobre o coronavírus. O *site* disponibiliza um número de WhatsApp (61-99289-4640), para que a população envie fatos duvidosos veiculados nas mídias sociais e aplicativos de mensagens, para serem checados por uma equipe técnica do Ministério. No *site*, as informações são classificadas em duas listas, cujos títulos são: “Isto é *fake news*” ou “Esta notícia é verdadeira”. O *site* também oferece ao público dados sobre prevenção, transmissão do vírus e atendimento pelo Sistema Único de Saúde (SUS) e é possível acessar um *podcast* sobre a pandemia, produzido pelo próprio ministério

(https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/mundo/2020/05/05/interna_mundo,851477/pandemia-de-fake-news-estudo-lista-principais-boatos-sobre-covid-19.shtml, acessado em 26/05/2020).

A dinâmica das fake News veiculadas sobre a covid – 19 em uma abordagem linguística ecossistêmica; um estudo de caso.

Para fins de análise da dinâmica das *fake news* analisaremos um exemplo de notícia falsa com forte repercussão nas redes sociais no contexto da covid-19, no Brasil, e que já tenha sido

ECO-REBEL

amplamente veiculada também nas mídias jornalísticas. O exemplo é a seguinte publicação do deputado federal Eduardo Bolsonaro:



Fonte: <https://www.brasildefato.com.br/2020/04/03/bolsonaro-e-seus-robos-como-funciona-a-propagacao-de-fake-news-sobre-o-coronavirus>; acessado em: 25/06/2020

Para analisar *fake news* como essa, vamos primeiro estabelecer seu ecossistema discursivo no qual a notícia foi produzida. Partindo do conceito de ecossistema integral da língua, em que – de acordo com Couto (2009), ao formular os conceitos basilares para o estabelecimento da Ecolinguística como uma heurística duplamente constituída pela linguística e pela ecologia – as inter-relações no interior do ecossistema linguístico se apresentam enquanto relação organismo-mundo, na qual se processam representações do meio ambiente a fim de estabelecer o suporte material/simbólico, material porque é linguístico e simbólico porque é uma representação na língua desse ambiente material/natural, da comunidade (COUTO, 2009). Comentando como se dá esse processo de representação das interações ecossistêmicas na língua, Nowogrodzki (2019) salienta que isso se dá “numa dinâmica de referenciação, ou enquanto relação organismo-organismo, da qual decorre a comunicação, como produção de sentidos entre interlocutores” (p. 60). Para Couto (2009), para que esse ecossistema linguístico se concretize e assuma uma forma efetiva é necessário que três elementos existam e se inter-relacionem: língua, população e território.

Esse ecossistema ainda é concebido como ecossistema integral da língua, visto que engloba três dimensões da realidade na sua efetivação no real: a dimensão natural/física, na qual se processam as relações físicas, materiais da realidade; a dimensão mental, na qual se realizam os processos psíquicos e a faculdade de produção de símbolos que estabelece a relação indivíduo/coletividade/mundo; e a dimensão social, em que se estipulam as funções/sujeito dessa sociedade, negociam-se identidades e se estabelecem relações hierárquicas estruturando a sociedade (NOWOGRODZKI, 2019).

ECO-REBEL

Diante disso, a *fake news* citada acima se consolida em um ambiente material/virtual, sendo essa sua dimensão natural/física no seu ecossistema integral da língua. Esse território no qual se concretiza a *fake news*, o Twitter, é uma rede intrincada de relações que se estabelecem por meio de textos, que são produzidos na rede, e pela eventuais repercussões desse texto que é lido nesse mesmo ambiente e depois re-produzido em outros contextos: facebook, whatsapp e, no caso dessa *fake news* em particular, também reproduzida e comentada em outras mídias, tais como jornais impressos, *online* e televisivos.

Na dimensão mental e social desse ecossistema a *fake news* estabelece um ponto de convergência no intrincado de uma rede de textos vinculados na internet em que um grupo social se identifica com tal texto e com o grupo social que ele representa. O texto também serve como ponto de convergência dos grupos contrários ao grupo representado por essa *fake news*, que concordam em discordar das ideias expostas pelo texto. Essas “convergências” em torno do texto, sendo tanto dos que concordam com as ideias do texto quanto dos que discordam, podem ser percebidas pelas reportagens feitas sobre a postagem de Eduardo Bolsonaro e a polarização das opiniões entre os concordantes e os divergentes nos comentários das reportagens. Na reportagem do UOL, publicada em 18/03/2020, existiam 98 comentários até a data de 26/06/2020; <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/03/18/sem-provas-eduardo-bolsonaro-diz-que-culpa-da-pandemia-e-da-china.htm>. Na reportagem do G1, site do grupo Globo, são 70 comentários; <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/03/18/culpa-e-da-china-diz-eduardo-bolsonaro-embaixador-chines-repudia-e-exige-desculpas.ghtml>. Na reportagem do *Correio Braziliense* são 136 comentários; https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2020/03/19/interna_politica,835354/c-hefe-da-diplomacia-chinesa-reafirma-que-eduardo-bolsonaro-feriu-chi.shtml, todas as reportagens acessadas em 26/06/2020.

Para os nossos objetivos, vamos focar nas estratégias textuais propiciadoras dessas inter-relações no meio virtual já previamente na construção do texto para que ele atinja esse grau de relevância se tornando nesse ponto de convergência que o faz ser uma *fake news*. A partir dessa lógica, de que o ambiente de circulação das *fake news* é o ambiente virtual, que é o seu território por excelência, para ser uma *fake news* não basta ser apenas *fake*, deve ser também *news*, ou seja, deve circular e atingir um certo grau de notoriedade nesse ambiente virtual. Diante disso, o nosso foco de análise será estudar essas inter-relações que começam no texto que faz da *fake* uma *news*.

ECO-REBEL

Em primeiro lugar, o autor da *fake news* deve ser alguém em quem os usuários dessas redes sociais prestem atenção e se interessam pelo que ele escreva ou tenha a dizer, seja para corroborarem as suas ideias ou para criticá-lo. Nesse caso, o autor é Eduardo Bolsonaro, filho do presidente da república do Brasil, Jair Bolsonaro, e que havia há pouco tempo sido indicado ao cargo de embaixador do Brasil nos EUA, o que, portanto, o credenciaria a dar opiniões em nome do Brasil sobre outras nações estrangeiras. Isso por si só mostra a relevância dessa *fake news*, haja vista que o conteúdo da *fake news* é uma opinião do autor sobre a China, um país com fortes relações comerciais com o Brasil, para ser mais exato, o principal comprador das *comodities* brasileiras.

Para deixar claro essa importância do autor para que uma *fake news* venha a viralizar, ou seja, repercutir e se tornar notícia, vamos ver outro exemplo de uma *fake news* que envolveu o padre Fábio de Melo. Segundo verificação da agência Lupa, a primeira agência de *fact-checking* do Brasil, circulou nas redes sociais a partir do dia 13 de março de 2019 um texto atribuído ao padre Fábio de Melo sobre o massacre de Suzano (SP), um atentado com armas de fogo em uma escola da cidade, em que depois de um texto que fala sobre a importância da família e de uma educação mais conservadora, há a seguinte frase em destaque: “as armas não matam, o que mata é a ausência de amor” (<https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2019/03/15/verificamos-padre-armas/>, acessado em 26/06/2020). Segundo o mesmo *site* citado acima, o texto atribuído ao padre Fábio de Melo já havia até as 18h do dia 15 de março de 2019, ou seja, apenas dois dias após sua primeira publicação, sido compartilhado por ao menos 6,5 mil vezes no Facebook (*ibid.*). O próprio padre Fábio de Melo publicou posteriormente um texto na sua conta do Twitter dizendo que o texto não era de sua autoria.

O interessante nessa história toda é que o tal texto expressa uma opinião sobre o que seria o elemento principal que havia gerado o ataque e, portanto, poderia ser publicado como uma análise válida da situação, mesmo que o seu ponto de vista seja bem equivocado. O que o torna tanto *fake* quanto *news* é o fato de ser atribuído a um personagem relevante nas redes sociais, o padre Fábio de Melo, que até a data de 26/06/2020 tem 7,9 milhões de seguidores no Twitter e 20,6 milhões de seguidores no Instagram.

Por mais que haja *fake news* veiculadas por aí por pessoas anônimas em grupos de WhatsApp, a ‘verdadeira’ *fake news* é aquela cujo autor tem relevância para fazer dela uma notícia de circulação e com potencial de fazê-la passível de crença. Para que alguém acredite em uma *fake*

ECO-REBEL

news ela não pode ser de qualquer autor; da autoria de uma *fake news* depende muito sua eficácia de reprodutibilidade e credibilidade.

Vamos pensar no papel do autor de uma *fake news* em termos de ecossistema no qual tal notícia se veicula. Como vimos, no arcabouço da Ecolinguística, para um ecossistema se constituir é necessário a categoria povo. Nesse caso, o povo, como categoria virtualmente representada no texto, se faz presente na publicação pela sua autoria. O autor é a representação simbólica do grupo ao qual o leitor se vincula e suas respectivas ideologias, e quando tal autor fala o diz no lugar de qualquer indivíduo desse mesmo grupo. Em outras palavras, o autor do texto publicado na rede social é um de nós que fala como nosso representante e fala aquilo que cada um de nós gostaríamos de dizer, mas não temos esse lugar de fala.

O autor representa nas *fake news* a figura do herói. Pois como afirma Eliade (1992), o herói é aquele que ao se empenhar em suas lutas não luta por uma causa sua, mas pelas causas e anseios de uma dada comunidade. Nesse sentido, sua jornada é representativa da jornada de seu povo e suas vitórias são vitórias de toda sua comunidade. Assim, o autor é o simulacro no texto da categoria de povo, como um representante virtual de todo um grupo ideológico que irá assumir esse texto como seu e se incumbir de propagar essa mensagem como um verdadeiro apóstolo ao re-twitá-la e postá-la em outras redes como o Facebook e o WhatsApp.

Já na categoria língua, muito mais do que a língua portuguesa em que o texto é escrito e da qual depende sua compreensão, o elo de convergência entre o texto e seus ‘viralizadores’ é o seu discurso, cuja definição é um conjunto de dizeres que motivam práticas ou as reflete, dizeres esses representativos de uma dada comunidade e suas ideologias cujos processos de formação são as constantes inter-relações ecossistêmicas de aspectos sociais, linguajeiros, mentais, físicos, simbólicos, institucionais, políticos, históricos, culturais etc.

Quanto ao discurso do texto da *fake news*, ele se caracteriza pela polêmica, construindo sua força na oposição entre dois termos claramente marcados no texto: ditadura, repetido duas vezes no texto (ditadura soviética pela chinesa) e liberdade. Como o texto tem muito mais um caráter de acusação contra um lado dessa disputa do que a defesa do outro lado, o texto faz uma maior caracterização do campo semântico da ‘ditadura’, deixando completamente a cargo do leitor a caracterização do campo semântico da ‘liberdade’.

A ‘ditadura’ é associada no texto a duas nações; “ditadura soviética pela chinesa”. Ao associar o conceito de ditadura à antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas e à atual

ECO-REBEL

China, país governado pelo partido comunista chinês, o autor caracteriza ditadura como sendo uma qualidade própria de um tipo de governo: o socialista ou comunista, tomando os dois conceitos como sendo idênticos. Quanto à ideia mencionada no texto de ‘liberdade’, não lhe é atribuída nenhuma qualidade, o que deixa implícito que liberdade é alguma coisa contrária ao que representa a antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas e a atual China. Ou seja, o autor preenche o campo da ditadura com o socialismo e o comunismo, deixando em aberto para o leitor o campo da liberdade, que será obviamente preenchido pelo leitor com os termos Estados Unidos da América/capitalismo.

Em termos de contextualização, o que o autor do texto faz é re-contextualizar um dado momento histórico, a pandemia da covid-19, a um outro momento histórico originário. Nesse caso, a guerra fria. O autor busca um tempo primordial que remeteria a um conflito fundamental como a origem de todos os males no mundo contemporâneo, tudo se resumiria a esse conflito entre comunistas e capitalistas pelo controle do mundo, em que, de um lado só levaria a desastres – “Chernobyl” e “coronavírus” – e do outro, à liberdade, que o autor do texto não sabe muito bem o que é, apenas o que não é.

Segundo Eliade, o homem tradicional separa a existência em duas dimensões: o sagrado e o profano. Para o pensamento tradicional, as coisas se efetivam no real, assumem suas identidades, apenas na extensão de sua comunhão em uma realidade transcendente (ELIADE, 1992). Algo em nosso mundo é apenas "real" conforme se modela ao sagrado ou aos modelos estabelecidos pelo sagrado. Portanto, há espaço profano e espaço sagrado. Espaço sagrado é o espaço onde o sagrado se manifesta. Ao contrário do espaço profano, o espaço sagrado tem um senso de direção, seja um retorno a um paraíso perdido como no apocalipse bíblico, ou uma evolução que leva ao progresso no caso do mito científico do progresso positivista. Onde o sagrado cruza nosso mundo, ele aparece na forma de modelos ideais. Todas as coisas se tornam verdadeiramente "reais" imitando esses modelos. Eliade afirma: "Para o homem arcaico, a realidade é uma função da imitação de um arquétipo celeste" (ELIADE, 1992, p.13).

O que temos nesse texto da *fake news* é uma remodelagem desse tempo contemporâneo a um tempo mítico para o grupo representado por esse discurso, sendo esse tempo mítico a guerra fria. A resposta a um mal que surge nesse novo tempo, é buscada nas respostas dadas a outros males nesse tempo primordial, mítico.

ECO-REBEL

Em termos de discurso, o que temos é uma retomada do discurso da guerra fria, um discurso simplista e maniqueísta que divide o mundo em mocinhos e vilões muito bem definidos. Em que do lado dos vilões estão as nações governadas por regimes socialistas/comunistas, como a URSS e a China, e, durante a campanha presidencial de 2018, foi usado muito o exemplo da Venezuela; do outro lado as nações capitalistas, cujo modelo por excelência continua sendo os USA, que nessa *fake news* remeteria à ideia de liberdade.

Considerações finais.

Buscando descrever a dinâmica das *fake news*, seus elementos estruturantes discursivos e constitutivos e quais práticas sociais ideológicas são representadas nesse tipo de discurso, a proposta metodológica foi a delimitação do ecossistema integral da língua na produção desse discurso (SILVA, 2015), sendo tal discurso as *fake news* sobre a pandemia da Covid-19 nos primeiros meses de 2020 no Brasil, utilizando um modelo exemplar desse tipo de construção discursiva. Também procuramos empreender o que Albuquerque (2015) entende como sendo um “minimalismo empírico”, a partir do qual se estuda um objeto por meio de suas inter-relações no interior do ecossistema delimitado.

A dinâmica da produção de uma *fake news* segundo esse modelo é a seguinte: no território virtual das redes sociais um determinado grupo de afinidades ideológicas se reconhece e empenha-se em divulgar e replicar a mensagem transmitida por um autor representativo do grupo. Além disso, território e povo são categorias indissociáveis, um dado território virtual se consolida ao congrega um povo em torno de um autor com o poder de assumir a função de porta-voz desse povo.

Em relação a língua na qual se articulam os discursos, vimos um movimento de retorno a um discurso anterior fundante dessa ideologia. O movimento de construção discursiva consiste em mudar o *locus* a partir do qual o discurso se sustenta, em vez de apresentar uma resposta a uma questão emergente, movimenta essa emergência para um outro contexto onde uma resposta já havia sido formulada. Sendo assim, o leitor é levado a acreditar que tem uma resposta para tal questão emergente, quando na verdade ocorreu uma dissociação entre o contexto da pergunta e o contexto da resposta.

Referências

ALBUQUERQUE, Davi Borges. Palavras iniciais sobre metodologia em Ecolinguística. *Via litterae* v. 7, n. 1, 2015, p. 131-142.

COUTO, Hildo Honório do. *Linguística, ecologia e ecolinguística: contato de línguas*. São Paulo: Contexto, 2009.

_____. A metodologia na linguística ecossistêmica. *Ecolinguística: Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem (ECO-REBEL)*, v. 04, n. 02, p. 18-33, 2018. Disponível em:

<https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/12355/10835>

ELIADE, Mircea. *Mito do eterno retorno*. tradução José A. Ceschin. São Paulo: Mercuryo, 1992.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

NOWOGRODZKI da Silva, Anderson. Confluências entre a sociolinguística qualitativa e a Ecolinguística: práticas religiosas virtualizadas. *ECO-REBEL* v. 05, n. 02, 2019, p. 54-74.

Disponível em:

<https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/27662/23799>

SILVA, Samuel Sousa. Por uma metodologia própria para a Ecolinguística e a ADE. *Via litterae*, v. 7, n. 1, p. 143-155, 2015.

Aceito em 08/08/2020.

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), V. 6, N. 3, 2020.